

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)**  
CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP)



**MEDIAÇÃO DE CONFLITO NA ESCOLA ESTADUAL  
BOLIVAR TINÔCO: ALCANCE E LIMITES**

**Wesley Braga Bicalho**

**BELO HORIZONTE – 2016**

BRAGA, Wesley

Mediação de Conflito na Escola Estadual Bolívar Tinoco: Alcances e Limites.. – Belo Horizonte, MG: UFMG, 2016.

Frederico Couto Marinho

Monografia – Universidade Federal de Minas Gerais, CRISP, Curso de Especialização em Criminologia e Segurança Pública, 2016.

1. Escola 2. Violência 3. Mediação de Conflito – Graduação. I. MARINHO, Frederico Couto. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização. III. Título.

**WESLEY BRAGA**

**MEDIAÇÃO DE CONFLITO NA ESCOLA ESTADUAL  
BOLIVAR TINÔCO: ALCANCE E LIMITES**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Centro de Estudos de  
Criminalidade e Segurança Pública da  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(CRISP/UFMG).

Orientador: Professor Dr.  
Frederico Couto Marinho

**BELO HORIZONTE – 2016**

“Começo a conhecer-me. Não existo.  
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,  
Ou metade desse intervalo, porque também há vida...  
Sou isso, enfim.”

Fernando Pessoa

*Dedico este trabalho aos professores,  
alunos e funcionários da Escola  
Estadual Bolívar Tinôco.*

## **Agradecimentos**

A Deus, princípio meio e fim de tudo.

Ao meu Pai, Fábio, pelo exemplo de vida construída na dedicação ao alcance dos sonhos.

A minha mãe, Maria, pelo carinho, cobrança e apoio incondicionais.

Aos meus irmãos, Renato e João Paulo.

A todos os Professores do CRISP, aos colegas de curso e amigos que não tiveram atuação direta neste trabalho, mas que se encontraram presentes em toda esta caminhada,

O Prof. Dr. Frederico Couto Marinho, pelo estímulo constante na realização desse trabalho.

Aos Professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Bolivar Tinôco, pelo auxílio constante nas pesquisas necessárias ao desenvolvimento desse trabalho.

## **RESUMO**

Este trabalho, embora reconheça o aspecto polissêmico do termo, parte do entendimento de violência como ideia de maus-tratos, de uso de força ou intimidação. O presente estudo deseja, entre outras coisas, investigar a questão do conflito na Escola Estadual Bolívar Tinôco Mineiro, na região do Ribeiro de Abreu (Belo Horizonte – Minas Gerais) estudo de caso desta pesquisa. Pretende-se ainda averiguar, de forma significativa, como veem acontecendo as relações de conflito no espaço escolar, especificamente, no espaço sublinhado pela pesquisa e espera-se, a partir deste conceito, contextualizado pelas vivências sócio históricas do cotidiano da E. E. Bolívar Tinoco, esclarecer e compreender o projeto de mediação de conflitos ali implementado.

**Palavras-Chave:** Escola, violência, conflito, mediação.

## ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABPP	Associação Brasileira de Psicopedagogia
CBTU	Companhia Brasileira de Transporte Urbano
CRISP	Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública
E.E.	Escola Estadual
FAE	Faculdade de Educação
ICV	Índice de Condições de Vida
MG	Minas Gerais
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais



## **Sumário**

<b>SECÇÃO I - APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>SECÇÃO II - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>SECÇÃO III - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>16</b>
<b>SECÇÃO IV – SOBRE CONFLITO, VIOLÊNCIA E ESPAÇO ESCOLAR.....</b>	<b>18</b>
IV.1. A compreensão de conflito.....	18
IV.1.1. Uma opção teórico-metodológica para a utilização do conceito “conflito” ...	18
IV.2. O estudo do fenômeno da violência nas escolas: uma breve análise .....	21
IV.3. O fenômeno da violência Escolar.....	22
<b>SECÇÃO V – A MEDIAÇÃO DE CONFLITO NO ESPAÇO ESCOLAR: ORIGEM E ASPECTOS CONCEITUAIS.....</b>	<b>24</b>
V.1. A Polícia Comunitária: As origens do Projeto Mediar da Polícia Civil de Minas Gerais.....	24
V.2. Uma tentativa de abordagem do tema violência pela “mediação de conflito” ...	26
V.3. A mediação de Conflito.....	27
V.4. Um modelo para um programa de mediação de conflito: uma abordagem teórica .....	28
V.4.1. RESULTADOS ESPERADOS PARA UM PROGRAMA DE MEDIAÇÃO ESCOLAR .....	29
<b>SECÇÃO VI – O PROJETO DE MEDIAÇÃO DE CONFLITO NA E. E. BOLÍVAR TINÔCO MINEIRO: INVESTIGANDO A PRÁTICA .....</b>	<b>31</b>
VI.1. Caracterização geográfico-social da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro.....	34
VI.1.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONCRETA NA E. E. BOLÍVAR TINÔCO MINEIRO .....	37
VI.1.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A GESTÃO DA E. E. BOLÍVAR TINÔCO MINEIRO .....	39
VI.2. O que dizem os professores.....	40
<b>SECÇÃO VII – CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>LEITURAS COMPLEMENTARES .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>49</b>

## **TABELAS**

Tabela 1 - Classificação de Conflitos .....	15
---	----

## **QUADROS**

Quadro 1 - Mediação e Negociação .....	24
--	----

## **MAPAS**

Mapa 1 – Bairros por Regionais Administrativas: o Bairro Ribeiro de Abreu .....	32
---	----

## **FIGURAS**

Figura 1 - Foto Aérea do Bairro Ribeiro de Abreu .....	33
--	----

## SECÇÃO I - APRESENTAÇÃO

É interessante como as coisas acontecem em nossas vidas e, por vezes, em um tempo tão curto que nem percebemos a importância que terão em nossos caminhos. O fato é que, anos atrás, não imaginava passar por uma atividade como esta - a construção de um trabalho de conclusão de um curso de especialização -, tampouco, até meses atrás, não constava em minhas ideias abordar um tema que discutisse justamente um assunto que insistia já ter uma resposta, o que, me antecipo a dizer, não passava de um entendimento mergulhado em preconceito, inflexibilidade e, porque não, falta de compreensão do processo. Enfim, minha trajetória de vida, principalmente pelo aspecto profissional, fez com que eu me descobrisse discutindo um tema que jamais arriscaria opinar sobre o mesmo: as razões dos conflitos escolares e a análise de projetos e propostas que buscam promover a negociação e fortalecer as atitudes que fazem do conflito uma oportunidade de desenvolvimento.

Como disse, o tema **conflito escolar** não me despertava maiores interesses. No entanto, a partir de discussões mais aprofundadas sobre o assunto durante as disciplinas cursadas no curso de Criminologia do CRISP (FAFICH/UFMG), aliadas ao meu trabalho em uma corporação policial, em um departamento que trata justamente desta temática, percebi a complexidade desta abordagem, tanto do ponto de vista da educação, quanto do ponto de vista repressivo e geográfico.

Portanto, meu cotidiano, como professor ou como investigador policial, exigiria de mim a compreensão e a reflexão deste processo: o conflito e suas formas de mediação. Neste sentido, nada mais oportuno que elaborar uma reflexão sobre esta temática para a conclusão do curso de especialização.

No contexto escolar, o projeto Mediar é mais um que se coloca como alternativa para a solução dos conflitos. Suas técnicas buscam o aprofundamento do conflito, na maioria das vezes encoberto pelo teatro dos antagonismos, agressões e valores em disputa.

## SECÇÃO II - INTRODUÇÃO

Insultos, exposição ao ridículo e agressões mais veladas como rejeição, difamação, assédio sexual, roubo e isolamento fazem parte do cotidiano dos alunos de grande parte das escolas públicas e particulares do município de Belo Horizonte. As situações de conflito nas escolas da capital, mais do que meras casualidades, envolvem alunos, pais, professores e auxiliares e configuram-se em situações comuns no ambiente escolar.

Seja em razão de rivalidades em termos de importância social, seja porque lhe roubaram o aparelho celular ou por uma ofensa verbal os conflitos nas escolas surgem como um grande problema no dia-a-dia das mesmas, o que, logo, desponta como uma reflexão necessária e que carece de novas descobertas.

A escola é por excelência um meio potencial de conflito (de ideias), uma vez que é lugar do convívio das diferenças, das desigualdades, das pessoas. É neste espaço que incompatibilidades de interesses e desejos ou diferença de percepções se encontram e produzem conflitos das mais variadas espécies.

Várias são as possibilidades de análise ou reflexão que se descortinam quando alguém depara, quer empírica quer teoricamente, com a indigesta justaposição escola/violência, principalmente a partir de seus efeitos concretos: a indisciplina nossa de cada dia, a turbulência ou apatia nas relações, os confrontos velados, as ameaças de diferentes tipos, os muros, as grades, a depredação, a exclusão enfim. O quadro nos é razoavelmente conhecido, e certamente não precisamos de outros dados para melhor configurá-lo (AQUINO, 1998:7).

Os conflitos escolares, se extrapolam a dimensão do debate dialógico, produz no ambiente educacional um clima de impropriedade à produção do conhecimento. Neste sentido, projetos que venham a propor formas de administração destes conflitos podem constituir-se em leituras ou referências teóricas importantes tanto para docentes como que para gestores escolares.

Estudos voltados ao tema acerca da segurança nas escolas, realizado por instituições como o CRISP, Fundação Getúlio Vargas e outros avaliam que a redução da violência em ambientes escolares é, em grande parte, efeito de políticas que incluem mecanismos de gestão escolar e integração da comunidade. Programas como o Fica Vivo ou o PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas, constituem-se ferramentas eficientes nas áreas de maior vulnerabilidade social, como na região onde localiza-se a E. E. Bolívar Tinôco Mineiro.

É interessante, embora não integre os principais objetivos deste trabalho, discutir brevemente sobre o PROERD e o Fica Vivo, programas presentes na comunidade do Ribeiro de Abreu (bairro da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro) que aliam ações preventivas, como oficinas educativas, culturais e profissionalizantes e patrulhamentos mais ostensivos da polícia.

O PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas é um programa da Polícia Militar de caráter social e preventivo, que tem como principais objetivos o de prevenir a criança e o adolescente acerca do uso e consumo de drogas, bem como afastar os alunos do envolvimento em crimes violentos. Presente na região do Bairro Ribeiro de Abreu, utilizando as dependências físicas da E.E. Bolivar Tinoco Mineiro a cerca de oito anos, ele busca resultados na prevenção ao uso e ao tráfico de drogas, amparando o seu fomentador, o usuário. Embora sua eficiência comprovada pela Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, através da redução do número de ocorrências envolvendo crianças e adolescentes acerca do uso e consumo de drogas, na região do Ribeiro de Abreu seus impactos ainda são de difícil percepção entre a população do bairro.

Na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, especificamente, o PROERD, há cerca de cinco anos, atua auxiliando professores e alunos a tratarem e discutirem ações de segurança e de prevenção às drogas. Nesta escola o PROERD assume a função de mediar assuntos para a promoção da saúde entre alunos ajudando-os a reconhecerem e resistirem às pressões diretas e indiretas que podem levar ao consumo de drogas, bem como evitar comportamentos ou atividades violentas. O desenvolvimento do conteúdo do PROERD na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro é incorporado de forma interdisciplinar no currículo escolar dentro das disciplinas relativas à saúde, ciências, estudos sociais, literatura e outras.

Na mesma linha de atuação do PROERD, há também o Fica Vivo, projeto de prevenção à violência e que contribui significativamente para a redução da mesma. O Fica Vico foi criado pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e é coordenado pela Secretaria Estadual Segurança Pública de Minas Gerais (SESP). O projeto envolve ainda o Ministério Público, as polícias Civil, Militar e outras entidades.

Com o objetivo principal de reduzir o número de homicídios o projeto Fica Vivo combina dois ingredientes básicos: pesquisa, para efeitos de planejamento e avaliação e articulação com diferentes instituições e órgãos.

O projeto atua em várias frentes. Na E. E. Bolívar Tinoco o projeto Fica Vivo, implantado quase que simultaneamente ao PROERD, trabalha a prevenção do uso indevido de drogas e de doenças sexualmente transmissíveis, incentiva a prática de esportes (Projeto Bom de Bola, Bom de Escola, que é coordenado pela Polícia Militar e promove torneios de futebol nas quadras da escola), atua em projetos na área de segurança alimentar, mas, principalmente, visa o melhoramento no relacionamento dos moradores com as forças policiais.

O esforço cooperativo da polícia e outras demais instituições, através da promoção de atividades culturais e educacionais, consistem em ferramentas de absoluta relevância no cotidiano dos alunos e funcionários da E. E. Bolívar Tinoco Mineiro. Por outro lado, no âmbito das políticas públicas, mesmo que seja possível e desejável estabelecer linhas gerais de um programa que pautasse as ações das escolas e de seus parceiros, é preciso que o programa se integre ao projeto pedagógico e à realidade de cada escola. Descolado das escolas em que será implantado, como se percebe na relação entre PROERD, Fica Vivo e E. E. Bolívar Tinoco Mineiro, qualquer programa, por mais bem elaborado que possa parecer, poderá tender ao fracasso.

Assim, o presente estudo deseja, entre outras coisas, investigar a questão dos conflitos nas escolas, a partir, principalmente, de um estudo de caso na Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro, na região do Ribeiro de Abreu (Belo Horizonte – Minas Gerais). Pretende-se averiguar, de forma significativa, como veem acontecendo às relações de conflito no espaço escolar, especificamente, no espaço sublinhado pela pesquisa. Espera-se encontrar a melhor compreensão para “conflito”, compreender os “tipos de violência” (WHITAKER, 1994:27); os conceitos de disciplina/indisciplina e violência (na escola), seu caráter multicausal e plural; levantar a visão dos docentes sobre o fenômeno, identificar a importância e o papel do professor neste processo, e, especialmente, refletir sobre algumas estratégias utilizadas na superação dos mesmos.

Dentre as estratégias à serem avaliadas, dar-se-á destaque aos programas estruturados a partir do instrumento **mediação de conflitos**, sobremaneira, o Projeto da E.E. Bolívar Tinoco Mineiro, um programa que ainda caminha a passos lentos, porém persistentes. Deseja-se o entendimento das intenções do projeto, suas limitações e contradições.

[Os princípios e técnicas da mediação de conflito] ajudam a ter uma (...) percepção sobre a realidade e proporciona uma base comum onde o diálogo pode acontecer com respeito, cooperação e responsabilidade, sem eliminar a divergência tão salutar para o crescimento. A técnica da mediação é fundamentada na comunicação tecnicamente conduzida por um terceiro neutro e imparcial que auxilia as pessoas a: entender o conflito; reduzir as tensões emocionais através do reconhecimento dos próprios sentimentos e os do outro; cooperarem na busca de

alternativas para os problemas, estimulando a criatividade e analisando em conjunto as consequências das escolhas, num verdadeiro processo de transformações e crescimento (ALDENUCCI, 2003:3).

### SECÇÃO III - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa, de caráter exploratório, se desenvolveu a partir de setembro de 2016 e constitui-se de estudos, de caráter crítico-descritivo, das propostas de mediação de conflito, com foco no Projeto da E. E. Bolívar Tinôco, baseado no Projeto Mediar da Polícia Civil. Metodologicamente, a pesquisa optou por uma abordagem qualitativa, a partir da realização de revisão bibliográfica, entrevistas e pesquisa documental, como cartilhas, manual do Projeto Mediar, sites de instituições públicas sobre o tema.

A pesquisa contou também com a realização de visitas *in loco*. Na ocasião foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e professoras, alunos do 9º ano e do segundo grau da Escola E. E. Bolívar Tinôco Mineiro espaço onde o conflito e a violência, que será tratado em capítulo próprio, fazem parte do cotidiano dos alunos, professores, funcionários e outros atores. Buscou-se entender sobre as incidências de violência na escola, suas manifestações e causas, as principais dificuldades dos docentes no enfrentamento das expressões de violência para, finalmente, refletir sobre o projeto de mediação de conflito da Escola.

A escolha pela abordagem qualitativa, em detrimento a quantitativa, deu-se, principalmente em razão da essência discursiva do assunto, qual possui características de difícil estruturação. Trabalhar valores, atitudes, representações, opiniões, foi sem dúvida o grande rumo metodológico da presente pesquisa. A necessidade de investigação em diferentes contextos exigiu a escolha desta abordagem

Creio que o aprofundamento na complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos, sem a preocupação do rigor matemático, tenha sido o grande mérito deste trabalho, que ao meu ver não fez com que o assunto perdesse em cientificidade. Muito pelo contrário, esta escolha fez com que o tema ganhasse em originalidade, dado que grande parte dos trabalhos recentemente publicados alicerça-se em estudos estatísticos<sup>1</sup>.

A opção por um rumo metodológico que privilegiasse a individualidade, por meio principalmente de relatos orais, levou esta pesquisa a algumas descobertas e constatações interessantes, que, imagino, noutros tipos de abordagens estariam encolhidas entre os números. Assim, distante de preocupações estatísticas, foi possível uma maior aproximação da compreensão do fenômeno da violência na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro. Infelizmente houve grande resistência por parte de alguns professores, principalmente os contratados, e dos alunos em se identificarem com seus nomes reais,

---

<sup>1</sup>

CRISP. **Violência, medo e desempenho escolar**. Belo Horizonte, 2000.



então esse trabalho optou-se por utilizar nomes fictícios de modo a não atrapalhar as entrevistas e que os entrevistados sentissem a vontade em falar suas experiências, opiniões, críticas, etc.

A forma de seleção respeitou o seguinte critério: alunos com mais de 16 anos de idade, que estariam no 9º ano do primeiro grau e alunos do segundo grau, de modo que pudessem colaborar de forma mais concreta suas experiências acerca do tema violência. As informações foram coletadas e transcritas respeitando na íntegra, inclusive mantendo-se as gírias e o Português informal. Somente foram transcritos as entrevistas relevantes, desde que houvesse autorização, que mais uma vez repito, utilizando nomes fictícios para não comprometer o trabalho e as entrevistas.

O roteiro das entrevistas encontra-se no final desse trabalho, na seção apêndice, de forma que o leitor possa ter acesso a todas as perguntas debatidas em sala de aula.

## SECÇÃO IV – SOBRE CONFLITO, VIOLÊNCIA E ESPAÇO ESCOLAR

### IV.1. A compreensão de conflito

O conflito é um processo natural e até necessário na sociedade humana. É uma das forças motivadoras da mudança social, é um elemento criativo essencial nas relações humanas. É uma situação nas quais as pessoas ou grupos sociais buscam ou percebem metas opostas, afirmam valores antagônicos ou exteriorizam interesses divergentes. Enfim, é um fenômeno de incompatibilidade, de choque de interesses entre pessoas ou grupos, tanto em questões estruturais como em questões pessoais.

Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivem em sociedade tem a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passados pelos conflitos pessoais da adolescência e, hoje, visitados pela maturidade. (CHRISPINO, 2008:12.).

Ainda de acordo com AZEVEDO:

Conflito é uma situação que revela desentendimento, confronto de opiniões, entre duas ou mais pessoas, situação essa que não tem de ser necessariamente negativa. (...) É um fenômeno normal que existe onde existem pessoas. (AZEVEDO, 2009:2).

A fim de melhor entender as possibilidades de entendimento de conflito, não limitando-se apenas às considerações supracitadas, vale recorrer também a Chrispino (2007) que, amparado em considerações de outros autores, procura classificar e definir os tipos e as causas dos conflitos (TAB. 1).

**Tabela 1 – Classificação de Conflitos**

TIPOS DE CONFLITO	CAUSAS DOS CONFLITOS
Estruturais	Padrões destrutivos de comportamento ou interação; controle, posse ou distribuição desigual de recursos; poder e autoridade desiguais; fatores geográficos, físicos ou ambientais que impeçam a cooperação; pressões de tempo.
De valor	Critérios diferentes para avaliar idéias ou comportamentos; objetivos exclusivos intrinsecamente valiosos; modos de vida, ideologia ou religião diferente.
De relacionamento	Emoções fortes; percepções equivocadas ou estereótipos; comunicação inadequada ou deficiente; comportamento negativo – repetitivo.
De interesse	Competição percebida ou real sobre interesses fundamentais (conteúdo); interesses quanto a procedimentos; interesses psicológicos.
Quanto aos dados	Falta de informação; informação errada; pontos de vista diferentes sobre o que é importante; interpretações diferentes dos dados; procedimentos de avaliação diferentes.

Fonte: Chirispino, 2007:14

#### IV.1.1. Uma opção teórico-metodológica para a utilização do conceito “conflito”

Trabalhar o termo *conflito* sem fragmentar o significado do próprio, ou seja, assumindo sua real dimensão, consistiria em um ato por demais ambicioso, que foge às expectativas de um trabalho de conclusão de curso de especialização. Assim, embora se assuma que conflito não seja apenas manifestações de agressão física e patrimonial, mesmo que em geral seja reduzido apenas a este nível de entendimento, este trabalho procurará dar tratamento especial às manifestações de conflito exteriorizadas através de práticas de violência.

No senso comum, a palavra violência é bastante utilizada e geralmente vem carregada de uma valorização negativa. O oposto de “violência”, no cotidiano, é “paz” (embora o oposto de paz não seja somente violência). As campanhas que se opõem à violência no trânsito, no lar, ao terrorismo, têm slogans como “paz no trânsito”, “resistência pacífica ou não violenta”, etc. Já que paz tem este significado do bem, no senso comum seu oposto conota algo negativo, indesejável. No entanto, nos campos da investigação em Educação, em Sociologia e Antropologia, o termo violência vira plural; são as diversas manifestações da violência que se procura entender. (LATERMAN, 2000:25)

Muitas são as abordagens sobre a conceituação de *violência* (grifo meu). Às vezes, conforme leitura utilizada para este trabalho, aparece como sinônimo de conflito. Noutras situações surge com tendência subjugada a este termo<sup>2</sup>. Enfim, são várias suas acepções conceituais, cada uma derivada de uma matriz disciplinar diferente.

Para Amoretti R. (*apud* KIMURA, 1998:58) violência é

o ato de violentar, determinar dano físico, moral ou psicológico através da força ou da coação, exercer opressão e tirania contra a vontade e a liberdade do outro. O ato em si encerra um sujeito ou sujeitos violentadores, um objeto-pessoa (ser ou coisa que sofre violência) e um ato ou ação violentadora. Para além da ação imediata podem ser buscadas as causas, motivações e objetivos do sujeito violento. Podem ser observadas a forma, intensidade e características da ação violenta, bem como o efeito da violência no objeto a que se dirige e suas reações.

Ainda para este autor (AMORETTI, 1992:44 *apud* ARAÚJO, 2004:15-16).

a violência é um fenômeno exclusivamente humano que em todas as suas variantes acontece a nível social, mas ao mesmo tempo denega o social aproximando-o às vezes do caos... A violência neste sentido é antípoda da compreensão e do diálogo, é a exclusão da linguagem e da possibilidade do consenso, delírio do narcisismo, do dogmatismo e do sectarismo, primando da pulsão destrutiva, do poder arbitrário e da voracidade.

Sob o enfoque psicanalítico, porém,

---

<sup>2</sup> É neste nível de entendimento que esta monografia consentirá o termo violência.

a violência seria uma resposta que o sujeito dá no momento que é tolhido no seu "EU", na busca de seus objetivos, dos seus impulsos, no sentido de suprir suas necessidades. Assim, a privação das necessidades básicas poderia ser a causa que levaria uma pessoa a se tornar violenta. Esta resposta, proporcionada por uma frustração, é ardorosa, violenta, isto é, agressiva, impetuosa e se constitui num ato de violência. Ela não surge do nada, mas de motivos frustrantes, de abandono primitivo, de perdas irreparáveis, de sonhos desfeitos, de fantasias persecutórias. Mais do que um conceito, ela é uma expressão patológica do impulso agressivo desproporcionado. É uma forma descontrolada da agressividade contra o indivíduo, sociedade ou não. (FACHINI, 1992:49 apud ARAÚJO, 2004:15).

Para ARAÚJO (2004:16) "se há, nos contextos de conflito, a negação da possibilidade da relação social pela comunicação, parte-se para o uso da força, ocorrendo a violência, que representa a ruptura do nexos social." (In SPÓSITO, 1998)

Segundo Santos (2001), o fenômeno da violência nasce de uma lógica da exclusão, pois, consiste, principalmente, em um discurso da recusa. Conforme o autor (SANTOS, 2001) a violência está ligada a uma sociologia da exclusão, caracterizada, entre outros, por delitos e vitimização, tais como: extorsão, roubos, agressões, racismos e insultos.

Enfim, como se percebe, quando se busca definir o que se entende por violência é possível observar que são muitas as concepções que se têm deste fenômeno. Inúmeras vezes identificam-se violência como criminalidade e/ou agressão física, noutras, observa-se uma abordagem tão abrangente do fenômeno que as ações consideradas como manifestações de violência se ampliam significativamente, podendo incluir desde simples conflitos de opinião até situações de violência física e sexual.

Nestes termos, ciente da pluralidade conceitual do termo "violência", o presente trabalho utilizará como referência fundamental a contribuição de Fukui (1992), que, a exemplo deste trabalho, realizou a mesma opção teórico-metodológica, ou seja, concedeu ênfase a uma dimensão do termo "violência", denominando-a da seguinte maneira:

Violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência (...). A violência ocorre quando há desejo de destruição (FUKUI, 1992:103).

Assim, amparado no conceito de FUKUI (1992), este trabalho considerará como episódios violentos, especialmente no âmbito da Escola Estadual Bolívar Tinôco Mineiro, estudo de caso desta monografia, questões como a presença de gangues e o tráfico de drogas, roubos e pequenos furtos, manifestações de violência de natureza física

(assaltos, depredações, tiroteios, etc.), estupro e outras violências sexuais na escola e no seu entorno, uso de armas de fogo e das chamadas armas brancas (objetos cortantes como faca, canivetes, estiletes etc.) pelos alunos, etc.

Portanto, para este trabalho, a identificação de situações de conflito na Escola Estadual Bolívar Tinôco Mineiro se limitará apenas à considerações no plano físico e patrimonial, que é a tendência à destruição, ao desrespeito e à negação do outro. Questões mais abrangentes do fenômeno, como violência sociocultural e simbólica, embora se saibam que a recorrência a elas seja inevitável, será intencionalmente deixada de lado no desenvolvimento da presente pesquisa. Nesta pesquisa, à ideia de violência deve-se associar, portanto, a ideia de maus-tratos, de uso de força ou intimidação.

## **IV.2. O estudo do fenômeno da violência nas escolas: uma breve análise**

O estudo da dimensão mais espetacular da violência nas escolas, ou seja, a violência concreta, que converge para discussões relacionadas à integridade física e patrimonial de alunos, professores, funcionários e escolas é, inquestionavelmente, assunto merecedor de aprofundamentos, afinal, é assunto que demanda inúmeras implicações na prática educativa.

Embora tenha sido debatida mais intensamente a partir de 1950, principalmente na França e Inglaterra, no Brasil, a abordagem do fenômeno da violência nas escolas ganhou força apenas recentemente, já nos anos 1980 e 1990. No entanto, as questões referentes às relações entre violência e educação ainda estão pouco estudadas.

Na Europa, conforme Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP/UFMG, 2000) as primeiras pesquisas sobre o tema eram dirigidas, principalmente, por pedagogos e psicólogos que tentavam verificar as motivações individuais da delinquência e seus impactos no processo de aprendizagem. Após um relativo silêncio ao redor desta temática nos anos 1980, os anos 1990 foram marcados pela retomada dos mesmos.

Noutras épocas associada a atos de indisciplina, atualmente, o estudo da violência nas escolas toma rumos até certo ponto inusitados. Seus estudos vão desde análises estatísticas até o papel desempenhado pelo medo, provocado pela violência concreta, no rendimento escolar<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Ver CRISP/UFMG. Violência, medo e desempenho escolar.

“O intensivo processo de urbanização, o desenraizamento cultural, afetivo e religioso, a acelerada industrialização, a concentração de renda, o desemprego, os altos índices de consumo e a crise na ética” (FÁVERO *apud* PERALVA, 1997:32), entre outros fatores, têm contribuído para a construção de uma sociedade apática em relação aos problemas sociais e, num recorte menor, aos problemas educacionais.

Aliadas a pouca perspectiva de integração ao mercado de trabalho, o crescente desinteresse nos estudos e na instituição escolar, e à descrença na justiça, a juventude da contemporaneidade, ou seja, os alunos da atualidade, tornam-se consumidores potenciais de processos violentos, aqui no sentido de violência concreta. O jovem é, a todo tempo estimulado, mesmo que indiretamente, a rebelar-se contra as regras. Suas atitudes refletem ainda questões decisivas dos conflitos urbanos, quais demandam dos jovens a adoção de ideologias e práticas características das tribos quais pertencem ou desejam pertencer.

A ocorrência de brigas violentas, mortes e crimes no interior da escola ou em seus arredores, mesmo que em número muito reduzido se comparado a outros espaços, apavora a população e ajuda a abalar a já tão desgastada credibilidade da instituição escolar. Todavia, antes de mergulhar num clima de pânico, que tende apenas a agravar a situação é necessário examinar com bastante cautela o assunto.

### **IV.3. O fenômeno da violência Escolar**

Para tentar entender o fenômeno da violência da E. E. Bolivar Tinôco Mineiro, este trabalho não procurará compreender o processo nas suas individualidades, tampouco nas responsabilidades do sistema. A exemplo de Laterman (2000:20), este trabalho procurou “entender a dinâmica em que o indivíduo se faz no social e o social se faz na interdependência dos indivíduos”, priorizando a análise da violência explícita ou concreta, como classificação de Whitaker (1994:27) <sup>4</sup>.

Para Debarbieux (*apud* LATERMAN, 2000:36), o termo violência não é suficiente para explicar o que ocorre dentro das escolas. Para este autor o que leva a produção de um clima de insegurança nas escolas não são necessariamente atos de violência em si, mas antes aqueles atos chamados de incivildades.

A violência são crimes e delitos mas ela não é essencialmente isso no meio escolar, o verdadeiro problema nos parece ser o da incivildade que desorganiza atualmente o mundo escolar nos seus estabelecimentos desfavorecidos criando uma crise de sentido, às vezes dramática, um sentimento de insegurança que é muitas vezes imaginário. A violência desorganizadora surge do inesperado (ARENDET,

---

<sup>4</sup>

Para este autor há dois tipos de violência: a simbólica e a explícita (concreta).

1952); não se trata de negar a realidade dos delitos, mas de não exagerá-los. (DEBARBIEUX, 1992:2 *apud* LATERMAN, 2000:17).

Laterman (2000:26), por outro lado, entende que a violência explícita aparece através da história muitas vezes até como necessária, “como a culminância de momentos de transformação ou até, se pensarmos na violência do Estado, como mantenedora do *status quo*.” Para a autora (LATERMAN, 2000:26), às vezes, a violência concreta é vista por parte da sociedade como necessária (a violência contra o indivíduo violento, que mata, estupra, etc., em caso de sacrifícios de animais ou seres humanos, em rituais sagrados), ou seja, tem um papel e um significado próprio para cada situação.

Como visto, há bastante controvérsias em relação aos conceitos de violência. Com relação aos conceitos de violência relacionada à escola não é diferente. Muitos autores, conforme identificou Araújo (2004:16), referem-se à violência acontecida no interior da escola da mesma maneira que se referem àquela ocorrida nas suas imediações. Outros, como Laterman (2000), diferem a “violência nas escolas”, da “violência das escolas”. Este trabalho por sua vez não se preocupará em estabelecer tal distinção embora reconheça as implicações teórico-metodológicas desta opção.

Enfim, os problemas relacionados à violência e a segurança pública, seja concreta ou simbólica, constituem um dos maiores problemas da sociedade. O aumento das taxas de crime tem, invariavelmente, afetado as mais diversas esferas e instituições da sociedade, incluindo as instituições de ensino, recorte especial da presente pesquisa.

## **SECÇÃO V – A MEDIAÇÃO DE CONFLITO NO ESPAÇO ESCOLAR: ORIGEM E ASPECTOS CONCEITUAIS**

Baseado no pressuposto de que todos os membros da comunidade escolar podem ajudar a resolver os problemas da escola a mediação de conflitos em um contexto escolar é uma técnica que mostra ser bastante adequada para a resolução de conflitos que se instauram nas escolas.

Evidentemente que a prevenção é o melhor caminho para lidar com o problema, o que também não exclui a repressão como mecanismo necessário em determinadas situações específicas e agudas. Todavia, o que esta secção pretende discutir é justamente um processo intermediário a estes dois opostos, a saber, a mediação de conflitos no espaço escolar. Aqui, procurar-se-á aprofundar um pouco mais, e melhor, a dimensão teórica deste “recurso”, para, na secção seguinte, avaliar as reais condições do Projeto de Mediação de Conflito implantado na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro.

### **V.1. A Polícia Comunitária: As origens do Projeto Mediar da Polícia Civil de Minas Gerais**

Para garantir a segurança e o bem estar social o Estado criou, fundamentado na lei e na justiça, organismos e mecanismos destinados a inibir as atitudes violentas do homem. A atividade policial tem nessa fundamentação seu nascedouro.

Atualmente, no Brasil e no mundo, impõe-se a necessidade de se repensar o modelo de prevenção e repressão do crime, ou seja, repensar a atividade policial. Assim, dentro dessa perspectiva cria-se no Brasil em 2003, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP o Plano Nacional de Segurança Pública (PNSP), que dentre suas premissas básicas aborda a necessidade de uma atividade policial mais próxima da comunidade.

Sabe-se que os policiais sejam, talvez, os únicos representantes oficiais do Estado verdadeiramente presentes nas comunidades, sobretudo naquelas mais carentes, razão pela qual é necessário afastar o antagonismo entre o cidadão e o agente policial. Neste sentido, é extremamente emergente a adoção de novos modelos de polícia e de policiais, um modelo em que a polícia atua juntamente com a comunidade, um modelo em que a polícia seja promotora dos direitos humanos, uma polícia comunitária. A polícia comunitária é:

“uma filosofia e estratégia organizacional que proporciona uma nova parceria entre a população e a polícia. Baseia-se na premissa de que tanto a polícia quanto a comunidade devem trabalhar juntas para



identificar, priorizar e resolver problemas contemporâneos tais como o crime, drogas, medo do crime, desordens físicas e morais, e em geral a decadência do bairro, com o objetivo de melhorar a qualidade geral na área”.(TROJANOWICZ & BUCQUEROUX, 1994:04, apud MINAS GERAIS, 2006:08).

A polícia comunitária, também presente no cenário de estudo deste trabalho (Bairro Ribeiro de Abreu, em Belo Horizonte/MG) propicia ao policial a possibilidade de aproximar-se da comunidade onde atua, assim como o faz, por exemplo, um médico da família, um advogado local ou um comerciante da esquina. Aqui é interessante pontuar que a polícia comunitária não tem o sentido de “assistência policial”, mas sim, o de participação social.

Tema discutido com bastante frequência na mídia nacional, principalmente em tempos de *Tropa de Elite*<sup>5</sup>, e com grande potencial de ampliação prático-teórico, a polícia comunitária está presente, com relativo sucesso, em diversos países. Entre eles pode-se citar o Canadá, presente há mais de 20 anos, o Japão, um dos mais antigos modelos de polícia comunitária no mundo – 1879 –, os Estados Unidos (1982), e Argentina e Colômbia (nestes países, recentemente implantada).

Em Minas Gerais, o modelo de polícia comunitária segue alcançando significativos avanços. Formatos como o implantado no bairro Barreiro em Belo Horizonte já carregam consigo elogios provindos da comunidade e da própria polícia. A parceria da Polícia Civil de Minas Gerais e da comunidade na resolução dos problemas através, entre outras estratégias, do Projeto Mediar, uma apropriação do instrumento *mediação de conflito* - faz desta experiência modelo a ser seguido no cenário nacional.

O Projeto Mediar consiste em um método alternativo de solução de controvérsias acerca da mediação de conflitos seria, pois, um destes instrumentos por possibilitar a transformação na visão que as pessoas têm sobre os conflitos, assim como fomentar a comunicação pacífica entre as partes.

Ainda de acordo com Costa (2010), a mediação possui potencial especial para os conflitos oriundos de relações continuadas ou cuja continuação seja importante, como as relações escolares, familiares ou de vizinhança, porque permitirá o restabelecimento ou aprimoramento dessas interações. Nesses casos, a mediação possibilita a compreensão do conflito pelas partes, para que possam melhor administrá-lo e evitar novos desentendimentos no futuro.

Como a mediação é um processo por meio do qual as próprias partes chegam a uma solução para o conflito em questão, ela apresenta chances muito maiores dos

---

<sup>5</sup> Referência ao filme dirigido por José Padilha, que tem como tema o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE).

envolvidos considerarem satisfatória a solução adotada. A participação direta dos interessados na construção do acordo para determinada contenda – ao contrário das soluções tradicionais, geralmente impostas por um terceiro “imparcial” – também aumenta a legitimidade da solução perante as partes e, conseqüentemente, a probabilidade de que cumpram voluntariamente o acordo estabelecido (acordo moral).

Em síntese, a polícia comunitária, inspiração principal do Projeto Mediar, é ao mesmo tempo uma filosofia (uma maneira de pensar) e uma estratégia organizacional (uma maneira de desenvolver a filosofia) que permite à polícia e às pessoas trabalharem juntas para resolver os problemas da criminalidade, do medo do crime, das desordens físicas e sociais (desde a pichação até o vício em drogas), da decadência do bairro, e a qualidade geral de vida na comunidade. A filosofia reside na crença de que as pessoas merecem influir no processo policial, em troca da sua participação e do seu apoio.

## **V.2. Uma tentativa de abordagem do tema violência pela “mediação de conflito”**

É de se esperar que pela existência de diferença entre as opiniões dos sujeitos do meio escolar, haja conflito no espaço da escola. Professores e alunos dão valores diferentes à mesma ação e reagem diferentemente ao mesmo ato e isso é conflito. Quanto mais diversificado for o perfil dos alunos (e dos professores), maior será a possibilidade de conflito ou de diferença de opinião.

A resolução de conflitos obriga a recorrência às práticas de negociação e mediação. São procedimentos importantes na medida que permitem a gestão dos mesmos, ou seja, possibilitam a criação de ambientes e sujeitos capazes de conviver com os mesmos. Conforme Chrispino (2007:14) tanto a negociação quanto a mediação são processos de gestão de conflitos. Embora, em geral, sejam termos com significados semelhantes, na negociação a resolução do conflito é levada a cabo voluntariamente pelas partes e é efetivada formal ou informalmente. Na mediação a resolução do problema implica sempre a existência de pessoas imparciais ao conflito que terão por função facilitar a identificação e a construção de uma solução. A mediação é, por natureza mais formal que a negociação (Quadro 1).

**Quadro 1 – Mediação e Negociação**

Procedimento	Semelhanças	Diferenças
<b>Mediação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procedimentos voluntários,</li> <li>• Reconhecimento de que se é parte do conflito,</li> <li>• Determinação de regras do processo,</li> <li>• Comunicação eficaz,</li> <li>• Comportamento assertivo,</li> <li>• Criação de um acordo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolve uma pessoa exterior ao conflito, isenta ou imparcial,</li> <li>• Formal,</li> </ul>
<b>Negociação</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizada diretamente pelas partes em conflito,</li> <li>• Formal ou informal.</li> </ul>

Fonte: CHRISPINO, 2007:14

### V.3. A mediação de Conflito

Nos últimos anos, a prática da mediação de conflitos vem sendo expandida entre diversos campos<sup>6</sup>. No meio escolar, especialmente em Belo Horizonte, programas de mediação de conflitos possuem certo ineditismo, pelo menos é o que se averiguou com esta pesquisa. Porém, sua prática sempre existiu, pois, desde que hajam conflitos, tem existido terceiras partes envolvidas para resolvê-los.

Na Grécia antiga, os filósofos gregos já praticavam a mediação. Há registros também da prática da mediação na Antiguidade, na Idade Média e em épocas posteriores. No Alcorão há normas que norteiam a intervenção de um terceiro apaziguador durante a ruptura conjugal. Na China, há mais de mil anos, já existia um conselho de anciãos que buscava o consenso através do aconselhamento de casais em processo de separação. Enfim, desde o início do século a mediação de conflitos vem sendo amplamente utilizada.

Sabe-se que os conflitos, se não resolvidos e se não transformados na sua vertente positiva, provocam mal estar, ambientes conturbados e situações desgastantes. Efeitos, portanto, que conduzem, quase que assertivamente, a situações de violência, como as encontradas nas escolas públicas, como a E. E. Bolívar Tinôco Mineiro. Nestes termos, faz-se necessário a implementação de processos de intervenção sobre os atos de conflito/violência, quais vale referenciá-los como processos de “mediação de conflitos”.

<sup>6</sup> Familiar, comercial, trabalhista, institucional, comunitária.

A mediação de conflitos é a ferramenta baseada na aplicação de conhecimentos trazidos da Sociologia, Direito, Psicologia, Teoria de Sistemas<sup>7</sup> e técnicas de negociação. Surge da necessidade de dar respostas diferentes a conflitos, enquanto cresce a consciência do homem de poder criar, comunicar, dividir, decidir, exigir, participar de maneira ativa no labirinto cotidiano de um mundo cada vez mais complexo. (ABPP, 2007)

Mediação é um processo de cooperação para resolver um conflito, onde um terceiro imparcial é solicitado pelos protagonistas do conflito para ajudá-los a encontrar um acordo satisfatório para ambos. (ABPP, 2007)

(...) é o procedimento no qual os participantes, com a assistência de uma pessoa imparcial - o mediador -, colocam as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável (LATERMAN, 2001:30).

A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais. A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social. (Chrispino, 2007:16).

O processo de mediação começa com a ação do mediador junto às partes envolvidas, utilizando termos que conduzam ao início do próprio processo de composição do conflito, procurando delimitar claramente o que está em jogo e aparando posturas agressivas e individualistas. Busca-se, assim, acabar o clima de conflito deflagrado entre as partes, para que estas possam, a partir daí, negociar em termos de um conflito compreensível para ambos, visando ao ajuste de um futuro acordo.

A mediação tem como objetivo recuperar a negociação, para a co-construção de uma nova história que contenha um novo contexto de relação. Como visto no item anterior, a mediação é um processo confidencial e voluntário, que utiliza intensivamente a comunicação e que propicia a transformação de pessoas e da relação. Transformar a relação, a maneira como cada um vê a si e ao outro no processo, são os principais objetivos de mediação.

#### **V.4. Um modelo para um programa de mediação de conflito: uma abordagem teórica**

Não há receita na estruturação de um programa de mediação de conflito escolar. Cada escola é uma rede complexa de relações e de valores e, por tal, merecerá um diagnóstico específico de conflitos e um modelo próprio.

---

<sup>7</sup>

Ver CAPRA, Fridjof. Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.

Segundo Chrispino (2007:17) o primeiro ponto para a introdução de programas de mediação de conflito no universo escolar é assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de que a escola cumpra melhor as suas reais finalidades. Para o autor (Chrispino, 2007:17) existem, portanto, dois tipos de escola: aquela que assume a existência de conflito e o transforma em oportunidade e aquela que nega a existência do conflito e que, com toda a certeza, terá que lidar com a manifestação violenta do conflito, que é a tão conhecida violência escolar, tema de maior dedicação nas considerações tecidas por este trabalho.

Embora não existam receitas para se estruturar um programa de mediação de conflito escolar alguns requisitos podem ser considerados básicos para a elaboração de uma mediação de conflitos. O conhecimento do ambiente geográfico e cultural dos sujeitos (respeitando suas diferenças, mas valorizando seus laços comuns); a utilização de linguagem compatível com o entendimento das partes; a celeridade no tratamento dos conflitos; a ausência de burocracia; a valorização de espaços reconhecidos positivamente pela escola; e, principalmente, a confiança no mediador<sup>8</sup>.

Enfim, a mediação de conflitos ainda precisa avançar em seu conteúdo teórico e metodológico, mas a sua essência reside em sua atividade prática. Realizá-la apenas como elemento de resolução de interesses seria limitar demais sua potencialidade, negando o elemento fundamental de transformação sobre seu entorno social. Um programa de mediação de conflitos não deve ser apenas a reprodução de outros programas, deve ser, sobretudo, um programa novo, que assimile as características individuais e coletivas da comunidade escolar.

#### **V.4.1. Resultados esperados para um programa de mediação escolar**

Embora seja absolutamente necessário a superação de alguns desafios para se alcançar sucesso em um projeto de mediação de conflito alguns, entre eles, a pouca representatividade de algumas instituições escolares (a cultura da participação em programas de mediação de conflito nas escolas ainda não é significativa); a baixa autoestima da comunidade escolar, o que exige processos de mobilização mais intensos e a baixa crença da comunidade nos poderes públicos, bem como na continuidade das ações de governos, entre outros; crê-se que as vantagens dos programas de mediação escolar ainda são bastante numerosas.

---

<sup>8</sup> Desta maneira, não seria leviano afirmar que a figura de um terceiro, o mediador, é de fundamental importância para a criação das pautas de mediação.

Estudos já realizados apontam<sup>9</sup> portanto, que programas de mediação de conflito reforçam a cultura da paz e estabelecem pactos positivos entre pessoas e instituições. Programas de mediação de conflito reforçam a democracia direta e estimulam transformações culturais em âmbito coletivo e individual. Eles colaboram para a construção de um sentimento mais forte de cooperação e fraternidade na escola, criam sistemas mais organizados para enfrentar o problema divergência e melhoram as relações entre alunos, desenvolvendo o autoconhecimento, a tolerância e o pensamento crítico dos mesmos.

---

<sup>9</sup>

ABPP (2007), ARAÚJO (2004), ORTEGA &amp; DEL REY, SANTOS (2001).

## SECÇÃO VI – O projeto de Mediação de Conflito na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro: investigando a prática

O simples reconhecimento do conflito como elemento constitutivo das relações já é um passo a ser dado rumo a uma cultura de paz nas escolas. Ademais, a ocorrência de conflitos pode ser um excelente indicador dos problemas que ocorrem na escola, desde que submetidos à reflexão e análise pelos envolvidos na situação.

Num ambiente de conflito escolar uma coisa é certa: é preciso consolidar uma cultura de reconhecimento e enfrentamento do conflito, que permeie o conjunto das relações e práticas escolares. Este é o primeiro passo. E é esta, a meu ver, a atual fase do Projeto de Mediação de Conflito na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, uma estratégia encontrada pela comunidade para o melhoramento do cotidiano desta escola.

Estruturado a partir da metodologia de resolução de problemas do **Programa Mediar: Mediação de Conflitos**, uma parceria da Academia de Polícia Civil de Minas Gerais e do Centro de Referências de Polícia Comunitária da mesma instituição, o projeto de mediação de conflito na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro é um método de intervenção de natureza preventiva e controle social.<sup>10</sup> “Busca reforçar laços sociais, promover a eficácia coletiva da comunidade e, por extensão, prevenir crimes<sup>11</sup>” (MEDIAR, 2015:5).

Em um processo de mediação de conflito, seja em ambientes escolares, nas relações familiares, entre vizinhos, no trabalho, ou na comunidade é necessário ter em mente que as partes em conflito são seres humanos, seres em sofrimento. Neste sentido, alguns princípios ou, noutros termos, procedimentos operacionais padrão, sugerem-se como normas interessantes no que diz respeito à atuação dos mediadores, bem como no próprio processo de mediação de conflito<sup>12</sup>. Entre eles:

- Não procurar um culpado pelo contexto de conflito ou violência;
- Identificar a ecologia (cultura e códigos) do conflito em que se atuará;
- Observar as condições materiais, físicas e psicológicas das partes em conflito;
- Definir a intervenção mais adequada;
- Buscar as possibilidades para a solução do problema, o que é preciso fazer e não quem tem razão.

---

<sup>10</sup> Ver Anexo 1 e Apêndice 1.

<sup>11</sup> Não se podem confundir interação e envolvimento da comunidade na vida escolar com certos “acordos” questionáveis, mesmo que sua intencionalidade, por parte da escola, seja positiva.

<sup>12</sup> Aqui é interessante dizer que o programa de mediação de conflitos da Polícia Civil, mais que um instrumento de orientação no trato dos conflitos, possibilita a capacitação e o treinamento do(s) mediador(es), no caso das instituições escolares, dos professores.

- Mediador não decide e sim facilita a comunicação;
- Processo sigiloso;
- A mediação só ocorre através da vontade das partes. São autônomas e podem desistir;
- Não há honorários para o professor. Este serviço é gratuito.

Conforme observação e realização de entrevistas, o projeto de mediação de conflito na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro pauta-se na realização de sessões de mediação antes mesmo à exteriorização do ato violento, considerando ato violento a abordagem de Fukui (1992:103), onde a “violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos (...), agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. A violência ocorre quando há desejo de destruição”.

Assim, o processo de mediação de conflitos realizado entre os alunos da escola e intermediado pelo (s) professor (es), inicia-se a partir de uma observação preliminar de professores e funcionários da escola no ambiente escolar. Professores e funcionários tentam antecipar possíveis atos de agressividade ou destruição. Aqui, surge a primeira contradição do processo, ou seja, a mediação deve partir da vontade de uma das partes, e não através de intervenções de terceiros, como percebemos pelo depoimento do aluno Michel Foucault, da 7<sup>o</sup> série:

*É muito engraçado (...). Às vezes você tá só resolvendo umas treta (conflitos) com uns camarada. Coisa na boa. Mas aí depois vem um professor ou até a diretora chamando a gente para conversar. Nada haver! Era treta atôa, mas os cara (professores e funcionários) acham que a gente já vai rolar na briga. (FOUCAULT, aluno, 16 anos, 1<sup>o</sup> ano do segundo grau).*

Nas seções de mediação de conflitos da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, processo amparado no programa da Polícia Civil de Minas Gerais, porém, tendo o professor como mediador, expõe-se inicialmente o resumo da história sob a ótica de cada um dos envolvidos, histórias certamente com conteúdos totalmente opostos. Posteriormente o professor-mediador reúne as duas versões em uma só e realizada a primeira tentativa de decomposição do problema.

Estimulando a discussão, através de técnicas sugeridas no manual do Programa Mediar da Polícia Civil, descobrindo interesses ocultos e despertando alternativas para a solução do conflito, de modo que o problema não caia no plano da violência física ou patrimonial, o professor insinua que aquele momento é o mais ideal para se resolver aquela situação. Todavia, caso preveja não ser possível o entendimento entre as partes,



a orientação, dependendo do caso, é alertar os pais/responsáveis dos alunos ou a polícia comunitária.

O projeto de Mediação de Conflito na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, no entanto, ainda é carente em alguns pontos. A mediação de conflitos entre professores e alunos, por exemplo, item de inúmeras ocorrências de atos violentos em escolas, ainda não avançou. Faz-se a desejar ainda, por exemplo, a capacitação de mediadores aptos a mediar situações de conflitos entre estes atores. A mesma percepção pode ser apropriada para as relações de conflitos entre funcionários e alunos.

A iniciativa de uma escola, que habitualmente convive com situações de violência, em adotar um projeto de mediação de conflitos é, por si só, louvável. Por outro lado, é interessante o apontamento de atitudes relacionadas ao projeto que, conforme comunidade escolar (professores e alunos) dificultam ou nada agregam na conformação de ambientes escolares tranquilos. Algumas delas são ainda avaliadas por alunos e professores como atividades e ou relações que os expõem ao ridículo. São elas:

- “Incentivos” a determinadas atividades culturais.

*Tem gente que acha que colocar um “Afro Reggae” dançando e tocando para os meninos vai resolver o problema da violência nas escolas. Pode até ser que resolva em outras escolas, mas aqui no Bolívar não! (...) Os meninos odeiam e se sentem ridicularizados! Têm que ver o ódio desses meninos quando grupos deste tipo nos visitam.*

*Mas acho que isso também se deve bastante porque suas participações não são espontâneas. Diretora, polícia (essas pessoas) quase os obrigam a participar!, tipo condicionando suas participações a nota, entende? (...) Coloca aí na sua pesquisa que projetos culturais em escolas como a nossa devem ser cuidadosamente pensados antes de sua aplicação. (MACHADO DE ASSIS, professor de Matemática)*

*Se eu fosse esses caras eu ensinava pra gente alguma coisa realmente útil. Na boa, queria aprender um curso de computador, de mecânica de automóveis (ia ser doido!), essas coisas. Mas ficar dançando igual retardado tá por fora. (MICHEL FOUCAULT, aluno, 16 anos, 1º ano do segundo grau)*

- Dinâmicas de grupo que envolvem contatos físicos.

*Aqui, teve uns pessoalzinho que vieram até aqui e mandaram a gente fazer uma roda, se abraçar; escutando uma música estranha, que eu nunca tinha escutado. Ruim demais! Ah não! Tenha santa paciência. Ninguém merece ficar abraçando marmanjos ao som de uma música da época da minha avó. Dá vontade de bater! (KARL MARX, 17 anos, aluno, 2º ano do segundo grau)*

Como se vê, o incentivo a determinadas práticas culturais não são bem-vindas alguns dos alunos desta escola. Talvez fosse interessante, ou até mesmo necessário, um levantamento mais detalhado para que, democraticamente, possam ser realizados programas que realmente contemplem os desejos e necessidades dos alunos desta escola.

## VI.1. Caracterização geográfico-social da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro

Localizada no bairro Ribeiro de Abreu, situado na região nordeste de Belo Horizonte, com acesso pela rodovia estadual MG-020, próximo ao município de Santa Luzia (MG), a E. E. Bolívar Tinôco Mineiro está compreendida em um dos maiores bolsões de exclusão social de Belo Horizonte.

O bairro Ribeiro de Abreu surgiu em meados da década de 50, a partir de um processo de ocupação desordenada. A região era um importante entreposto para vendedores de banana que vinham de cidades como Jaboticatubas e Santa Luzia. As pessoas paravam para descansar em uma fazenda que existia na região com o nome de Rancho Novo e a partir daí começaram a ocupar terras do bairro. (O RIBEIRIM, Jornal. Junho 2007, Ano 1, nº 4)

A maioria das famílias chegaram em meados da década de 1970 e vieram da região norte do estado, do Vale do Jequitinhonha e sul da Bahia. Ademais, a grande explosão populacional aconteceu um pouco mais tarde, com a construção do conjunto habitacional CBTU<sup>13</sup> e a invasão de áreas às margens da MG-20<sup>14</sup>.

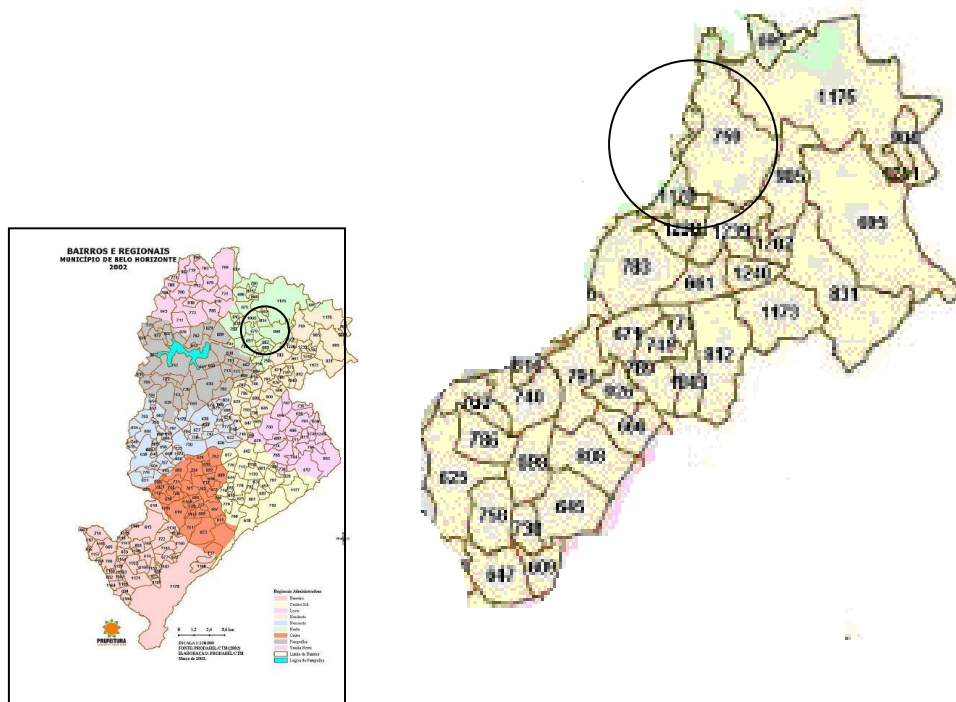
As condições de vida em determinadas regiões do bairro, principalmente em relação à segurança pública, são precárias, o que de certa forma, contribui para explicar algumas formas de violência percebidas na escola. Enfim, a realidade da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, assim como a dos moradores do bairro Ribeiro de Abreu *é uma realidade difícil* (Grifo meu). (MAPA 1)

---

<sup>13</sup> Criado para abrigar famílias que foram desapropriadas para a obra de canalização do Rio Arrudas e Metrô.

<sup>14</sup> Outro dado importante diz respeito a grande quantidade de loteamentos clandestinos e à falta de áreas de lazer.

## MAPA 1 - Bairros por Regionais Administrativas: o Bairro Ribeiro de Abreu



Escala 1: 120.000

Fonte: Prodabel/CTM (2012) Elaboração: Prodabel/CTM Março 2015  
Bairros por Regionais Administrativas

Conforme Índice de Condições de Vida (ICV) estabelecido pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), o bairro Ribeiro de Abreu preenche a Classe 1, com índice de 0,70; ou seja, configura-se como um dos bairros mais pobres da capital<sup>15</sup>. Em 2015, por exemplo, no quesito segurança pública, segundo dados da Polícia Militar, 84 pessoas foram assassinadas no Ribeiro de Abreu, Paulo VI e Jardim Vitória, bairros integrantes deste complexo de violência, valor considerado alto por especialistas no assunto<sup>16</sup>.

Aqui, vale um parêntese para esclarecer que as características dos locais onde as escolas se encontram determinam, de forma significativa, as práticas de violência no interior das mesmas. Vivenciar a violência no local de moradia pode se tornar um elemento constituinte da identidade dos jovens.

Ter a juventude associada a episódios violentos é preocupante. No tocante à construção de suas identidades, essa associação não pode ser deixada de lado, pois interessa saber como a violência vivenciada pelo jovem interfere na sua formação. Entender por que a juventude tem

<sup>15</sup> O Índice de Condições de Vida (ICV) é uma extensão do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Combina 27 indicadores e mede, conforme denominação, as condições de vida da população de um território.

Em Belo Horizonte, adota-se uma escala de medida que vai de 0 à 1, sendo que os índices maiores refletem situações de vulnerabilidade social mais intensa. Tais índices, a fim de estabelecer uma síntese da informação, são agrupados em classes – 1 a 6 -, que também auxiliam na elaboração do mapa de exclusão social da cidade. (Quanto maior o número da classe maior a vulnerabilidade social daquela população.)

<sup>16</sup>

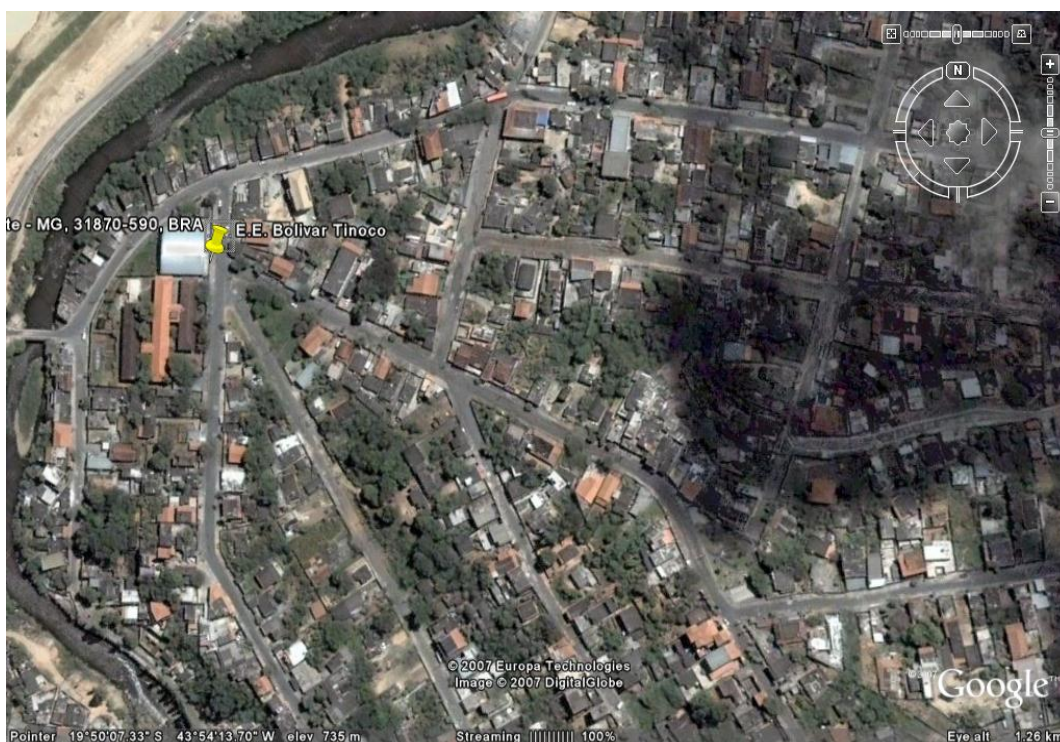
Fonte: Polícia Militar de Minas Gerais.

sendo associada aos episódios violentos, seja na escola ou fora dela, pode ser um primeiro caminho para compreender a influência da violência na constituição das identidades dos jovens. (ARAÚJO, 2004:27)

Regiões que apresentam sinais de desordem, bem como a presença de agentes que a produzem, como é caso do bairro Ribeiro de Abreu, interferem invariavelmente no desempenho escolar.<sup>17</sup> Por outro lado cabe ressaltar que a instituição da escola não deve ser vista apenas como reprodutora das experiências de violência do lugar. As escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

Incrustada na “porta de entrada” do bairro Ribeiro de Abreu, por sinal, um dos bairros mais extensos da cidade<sup>18</sup>, a E.E. Bolívar Tinôco Mineiro é única instituição de ensino pública da rede Estadual na região. Com mais de 1.600 alunos, distribuídos em três turnos, a respectiva escola é um exemplo fatídico do fenômeno de violência escolar, este, encontrado e revestido das mais diferentes formas (FIG. 1).

**Figura 1 – Foto Aérea do Bairro Ribeiro de Abreu**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor segundo dados disponível em Portal Google – Acesso em 05 de out. de 2016.

O problema da violência nas escolas, aqui especialmente na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro inclui desde agressões mais veladas às situações mais sutis, como atos de

<sup>17</sup> A localização da E. E. Bolívar Tinoco, foi, à princípio, o principal fator motivador para a escolha deste espaço como estudo de caso do trabalho. Tal escola é umas das pioneira em Belo Horizonte na adoção de programas de mediação de conflito.

<sup>18</sup> Segundo publicação do Jornal O Ribeirin (Junho/2007) o bairro Ribeiro de Abreu é o segundo maior bairro da capital, com cerca de 30 mil moradores.

discriminação, preconceito, exclusão ou violência simbólica<sup>19</sup>. É possível colocar fenômenos muito heterogêneos sob o termo violência escolar nesta escola, que vão desde atos reconhecidos como crime ou delito, até um conjunto de incivildades, isto é, atentados cotidianos ao direito de cada um ter sua pessoa respeitada, passando pelo clima de insegurança e medo que pode dar o tom às interações que se estabelecem no cotidiano de alunos e professores.

A interferência e a presença do tráfico de drogas, a depredação do prédio e materiais escolares, as brigas entre alunos, as agressões entre alunos e profissionais que trabalham na escola e a violência familiar<sup>20</sup> aparentam ser, conforme realização de trabalho de campo, as causas mais frequentes de violência ocorrida na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro. Ausência frequente e injustificada de alunos e professores da escola; atrasos reiterados; recusa em fazer um trabalho, de obedecer a uma ordem, sobretudo quando a recusa representar um desafio à autoridade de alguém; uso de palavras não autorizadas; grosseria deliberada, agressão verbal violenta contra as pessoas; maledicência, difamação, mentiras graves; trapaças graves, falsificação de documentação ou de assinaturas, foram outros tipos de conflitos identificados, voltados como atos de incivildades ou indisciplinas, mas que, conforme já dito anteriormente, não serão aprofundados neste trabalho, de forma proposital, embora se reconheça a importância desses atos no ambiente Escolar.

#### **VI.1.1. Considerações sobre algumas manifestações de violência concreta na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro**

As brigas e agressões entre alunos foram, sem dúvida, a forma de expressão de violência mais presente nos relatos dos educadores entrevistados. Estes ressaltam que as agressões se dão por motivos banais ou mesmo sem um motivo aparente. Começam na sala de aula, através de rixas ou bobearias como um comentário infeliz acerca do outro colega, como da estética ou de alguma manifestação verbal do outro, mas acabam sempre fora dos muros das escolas.

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto

---

<sup>19</sup> Estas, muitas vezes cometidas pela própria instituição educativa. O conceito de **violência simbólica** foi criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. (...) A **violência simbólica** expressa-se na imposição “legítima” e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável. (BORDIEU, 2001)

<sup>20</sup> Apesar de estar localizada fora dos muros da escola, a violência familiar interfere diretamente do desempenho estudantil, assim, também pode ser considerada como uma forma de violência escolar.

o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto reprodução de uma *cultura da violência* (PERALVA, 1997:20).

É o que confirmamos com o depoimento do aluno WEBER a seguir.

*Alguém já te contou esta história? Não? [uma referência do aluno a popularidade do caso e, ao mesmo tempo, uma maneira de exaltação de sua força e poder]. (...) Teve um carinho aqui que cismou que ia me pegar lá fora. Por causa de uma menina que eu e ele “pegávamos” [paquerávamos]. Aqui, dei tanto “bicudo” (chutes) neste cara que acho que nem uma bola de futebol recebeu tanto chute. (MAX WEBER, aluno, 16 anos, 1º ano do segundo grau).*

*(...) Teve também, há poucos dias, uma briga de menina. Cara, hi-lá-rio! Tinha que ver! A menina enfiou a lapiseira no pescoço da outra! Coisa de filme! E dizem que a briga começou por causa de uma borracha. Deu polícia e tudo mais. [E a menina está bem?] (...) Fiquei sabendo que já tá até combinando a “forrinha” (vingança) dela. (MAX WEBER, aluno, 16 anos, 1º ano do segundo grau).*

Ainda de acordo com Peralva (1997:20), no interior da escola, a cultura da violência pode ainda surgir como uma forma não explícita de resistência ao julgamento escolar e à situação de isolamento que, algumas vezes, caracteriza o trabalho pedagógico. Não raro, o sistema escolar, através de uma prática que privilegia o desempenho individual, coloca o sujeito, seja professor ou aluno, em uma situação de individualidade e competição, que pode reforçar aquele modelo de sociedade que se tem desenvolvido nos últimos anos.

As agressões (verbais, físicas ou psicológicas) e ameaças presentes na relação alunos e profissionais que atuam na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, principalmente professores, foi outro ponto mencionado pelos entrevistados, principalmente professores.

Alguns desvios por parte do aluno colocam em jogo os interesses vitais do professor, seja porque desorganizam diretamente o funcionamento do grupo, seja porque enfraquecem a autoridade do professor e criam precedentes. Os interesses vitais de um professor estão em jogo quando um ou vários alunos opõem-se a ele e transgridam as regras de conduta, chegando a comprometer sua autoridade e o funcionamento do grupo classe.

Algumas transgressões por parte do aluno são intoleráveis para a maioria dos professores, porque os atingem pessoalmente em seus valores e interesses, ou porque admitir esse tipo de comportamento consistiria numa falha profissional. É claro que o limite de tolerância varia muito e pode flutuar durante o dia ou a semana em função do humor, cansaço e da atividade do professor.

Alguns outros depoimentos, embora não sejam passíveis de estarem classificados nas duas formas de violência abordadas (entre alunos e entre alunos e trabalhadores da escola) merecem serem transcritos aqui, para efeito de dar conhecimento ao leitor quanto à amplitude do problema de violência na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro. São aspectos pontuais, mas que por outro lado, servem de importantes indicativos da necessidade de ações mais efetivas para o problema da violência nesta escola.

*Teve uma situação diferente esses dias. (...) Fiquei sabendo que tinha um aluno com drogas para vender dentro na escola, maconha, sei lá, tinha que ver. E essas coisas, pra variar, sempre sobram para a diretora. (...) Fui até ele para lhe dizer que iríamos chamar a polícia (imagina minha situação) e ele, inesperadamente, se desaba em choro. Um marmanjo chorando na sua frente? É no mínimo inusitado. (...) Ele disse que se chamassem a polícia ele ficaria sem as drogas, o que lhe causaria problemas com o dono dela. Insistiu para que não chamássemos a polícia. Disse que se ficasse sem a droga iria ter de traficar mais para ele até conseguir pagá-la e que ele não queria isso. (JANAÍNA, Diretora da Escola).*

*(...) Era uma decisão difícil para mim. Até por que o aluno não era um aluno ruim, mas, se aliviasse com ele abriria precedentes para outros fazerem a mesma coisa. Chamei a polícia, mas fiquei pensando se não estava desencadeando ali mais atos de violência. Mas também, que intenção tem um aluno que vem para a aula com drogas pra vender? Coisa boa não é. (...) No mais, ficou tudo bem. Ele continua frequentando a escola, é meu aliado hoje. Depois te mostro ele. (JANAÍNA, Diretora da Escola).*

Outro relato interessante vem do policial do bairro. Do seu conhecimento da região e dos moradores, aliados a sua experiência, surgem importantes identificações de violência, algumas delas, dignas de ações urgentes dos gestores públicos.

*Você não imagina o que rola nesta escola. Tem de tudo. Tem moleques aí dentro “barra pesada”, mas também tem gente boa. (...) Aqui dá de tudo, mas tem uma coisa que me incomoda muito, é o tal do aliciamento. (...) Os bandidos vêm aqui para a porta da escola, começam a oferecer isso e aquilo para os meninos e, quando menos se espera, os alunos já estão nas mãos deles, seja para o trabalho do tráfico, seja para pequenos furtos, seja para fazer sexo. Estamos investigando um caso aí de aliciamento de menor. Vamos ver no que vai dar! Tomara que dê tudo certo. (ÉMILE DURKHEIM, Soldado, Policial Militar).*

### **VI.1.2. Considerações sobre a gestão da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro**

Conforme direção da escola, a E. E. Bolívar Tinôco Mineiro atravessa atualmente um dos piores momentos desde sua fundação. Além da externalização agressiva dos conflitos, a escola passa também por uma grave crise do ponto de vista financeiro. Com a Diretora no cargo desde 2008 a escola convive, de acordo com a atual diretora, com as mazelas herdadas de outras gestões.

*Definitivamente não é nada fácil manter uma escola como esta. Eu é quem diga! (...) As coisas andam muito ruins por aqui. Este mês, por*

*exemplo, tive que comprar material de limpeza para a escola com meu dinheiro. A escola chegou quase a ser interditada. É mole? (...) Não temos dinheiro para nada.*

*Tem aluno que vêm aqui só para merendar. Tem coisa mais trágica? E o pior: não temos como lhes oferecerem uma merenda legal. Se não fossem os comerciantes do bairro nos ajudarem não sei o que seria da gente. Eles contribuem sempre! (JANAINA, Diretora da Escola).*

Todavia, a exteriorização dos conflitos nesta escola não podem, tampouco merecem serem delegados apenas a má gestão da mesma, afirmativa que por sinal, esta pesquisa não averiguou mais pormenorizadamente. O que cabe ressaltar, todavia, é que, independente dos resultados dos gestores nesta escola, ocorreram antes ao atual projeto de Mediação de Conflito, outras duas tentativas de implementação de programas com esta mesma finalidade, mas sem sucesso.

As causas dos atos de violência nas escolas não devem ser relacionadas apenas a um ou dois fatores. Suas explicações partem de uma ampla e complexa teia de entendimento. É bem possível, por exemplo, como discutiu Debarbieux (1998:13 apud ARAÚJO, 2004:27) que a incivilidade de certos jovens seja uma incivilidade reativa à expressão de um amor decepcionado com uma escola incapaz de cumprir suas promessas de inserção.

Por outro lado, não há de se permitir a redução da instituição escolar a um lugar onde as pessoas vêm para se alimentar. Não deve-se atribuir a ela este papel e ou responsabilidade. A escola é muito mais do isso.

## **VI.2. O que dizem os professores**

A maioria dos professores entrevistados da E.E. Bolívar Tinôco Mineiro considera que a violência está mais presente nas escolas hoje que em outras épocas e assumem já ter vivenciado situações de violência no cotidiano escolar. Segundo estes professores a violência entra no espaço escolar e, em especial, na sala de aula, através dos diversos relatos de situações de violência urbana vividas ou presenciadas pelos alunos e alunas. De acordo com eles é do cotidiano social-urbano que a violência nas escolas se materializa.

Uma das constantes nos depoimentos dos professores foi a indicação de caminhos para superar a violência escolar. Dentre eles, há de se destacar: o "resgate do aluno" como sujeito do **processo educativo**, o cuidado com o espaço físico e com as condições materiais da escola, as práticas participativas e de diálogo nas diferentes instâncias escolares - da sala de aula aos conselhos de escola -, a construção de espaços sistemáticos de reflexão coletiva dos professores sobre a prática educativa e



seus problemas concretos, a intensificação das relações entre a família e a escola, o bom relacionamento interpessoal entre professor e aluno, a realização de atividades extra-classes, como esporte, teatro, excursões, grupos de música etc., o estímulo à participação dos alunos e alunas em diferentes órgãos e atividades da escola e a integração da escola na dinâmica comunitária.

Por outro lado, a consideração acima não é consenso entre os professores. Embora em menor número, alguns deles, menos otimistas, creem que não há solução para o problema de violência nas escolas. Para eles a falta de respaldo policial nos estabelecimentos de ensino e o “mau caráter de grande parte dos alunos” (JÚLIO VERNE, professor da disciplina de química) desanda um processo de difícil reparação.

A linguagem, assim concebida, constitui um importante instrumento de sobrevivência e de luta para a transformação da sociedade. De acordo com os professores da E.E. Bolívar Tinôco Mineiro, a aquisição de confiança na palavra pode substituir os atos violentos pela comunicação. Nesse sentido, o diálogo pode ser considerado como instrumento privilegiado para diminuir manifestações não verbais de violência<sup>21</sup>.

Conforme entrevista realizada entre os professores da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, a principal estratégia apontada pelos professores no enfrentamento da violência é a realização de um trabalho pedagógico voltado para a construção de um ser social dotado da capacidade de falar. Todos os professores entrevistados acreditam no diálogo como o fator chave em qualquer processo de mediação<sup>22</sup>.

Dar voz aos estudantes, discutir com eles sobre suas próprias expectativas, desvendar os ingredientes ideológicos da tarefa educacional, desenvolver formas participativas de construção de normas são fatores que podem contribuir significativamente para a construção de um ser social capaz de falar, de respeitar, de lutar pela transformação da sociedade.

---

<sup>21</sup> O grande desafio na mediação de conflito é reestabelecer os vínculos de comunicação entre as partes.

<sup>22</sup> Vide também item 2.1.

## SECÇÃO VII – CONCLUSÃO

É impressionante e ao mesmo tempo compreensível, a dificuldade e, por vezes, a incapacidade da sociedade atual em conviver pacificamente com situações conflituosas. Neste contexto, o fenômeno da violência nas escolas, entendido aqui como a *exacerbação do conflito* (grifo meu), mas do que um problema da educação toma vultos de um problema de segurança pública. Ainda que o aluno ou o profissional da educação não tenha sido vítima de eventos violentos em algum momento, a percepção de que este risco existe é fator importante na conformação do desempenho escolar, seja do aluno, seja do trabalhador.

Como avaliações preliminares, numa tentativa de já desvelar algumas das causas do conflito/violência vale suscitar o caráter de estagnação de nossas instituições escolares. Ou seja, em meio a diversidade de opiniões, crenças, sonhos, hábitos, expectativas e valores de nossa sociedade a escola permanece (eu) a mesma. Parece óbvio que a inércia da instituição escolar, aliado a condição social dos alunos da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro são uma das causas que provocam manifestações violentas. Talvez esta seria a causa primordial da violência nesta escola, assim como noutras também.

Outra reflexão diz respeito as formas de resolver os atos de violência na escola. Percebe-se ainda que toda a vez que o conflito se manifesta age-se para resolvê-lo coibindo a manifestação violenta, ou seja, chamando a polícia, apartando, repreendendo, etc. Contudo se esquece que problemas mal resolvidos se repetem, ou seja, novos atos violentos apenas são adiados.

Enfim, a violência escolar pode ser problematizada de diferentes formas, tais como, pelo contexto sócio-econômico, geográfico, estrutura organizacional, entre outros. Muitas vezes registrada de modo exagerado pela mídia, o fenômeno da violência nas escolas tende a ser compreendido sob ângulos diversos e suscita respostas muitas vezes pontuais e fragmentadas.

Sabe-se, porém, que sobre determinados fatores, a escola pode atuar de modo incipiente. Nestes termos, é interessante dizer que embora este trabalho se restrinja a avaliar apenas alguns aspectos da violência nas escolas, para que se compreenda as manifestações de violência é necessário “ultrapassar raciocínios simplistas, de causa – efeito ou de mera reprodução” (LATERMAN, 2000:19).

O fenômeno da violência nas escolas, para este trabalho, especialmente na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, demanda a adoção de normas de convivência. E é pelo fato de a

violência estar presente em toda e qualquer relação humana, afinal, as relações humanas são, por si só, conflituosas, que o mundo precisa ser negociado o tempo todo. Com as escolas não há de ser diferente.

Inicialmente penso ser interessante a descrição de uma realidade desvelada na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, interessante de ser considerada, na medida que ilustra a magnitude da problemática discutida neste trabalho, a saber, a violência escolar.

- É nos arredores da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro que acontecem dois importantes fenômenos associados à violência: a presença de gangues e o tráfico de drogas e isso afeta diretamente a rotina do ambiente da escola.
- A presença constante de traficantes nos arredores da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro e a própria abordagem deles facilitam e ampliam o acesso dos jovens às drogas.
- A falta de respaldo policial para a segurança dos estabelecimentos de ensino foi outro aspecto bastante mencionado durante a pesquisa. Apesar de haver avanços positivos quanto a participação da polícia no cotidiano da escola, ilustrado, por exemplo, na adoção do PROERD e do Programa Mediar, os entrevistados indicaram a necessidade de terem policiais melhores capacitados.
- A pesquisa indicou que são raras as manifestações de discriminação racial entre os alunos da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, pelo menos aquelas mais veladas.
- A principal manifestação da violência na escola é de natureza física. As brigas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência. Ocorrem ainda, com bastante frequência roubos, assaltos nas mediações da escola e, em menor número, depredações.
- A maioria dos alunos consultados por esta pesquisa sabem onde e de quem comprar armas e, inclusive, acham fácil obter armas perto da escola. Dois alunos declararam possuir uma arma de fogo,
- O que ocorre em casas e no bairro tem repercussões sobre o cotidiano escolar (CARDIA, 1997 apud ARAÚJO, 2004:46)

No momento em que realçamos as reflexões estabelecidas no decorrer desta pesquisa é válido, antes de tudo, chamar a atenção para a capacidade da E. E. Bolívar Tinôco Mineiro em perceber a existência do conflito e a sua capacidade de reagir positivamente a ele, transformando-o em ferramenta de desenvolvimento. Esta é uma consideração oportuna de ser realizada na medida em que incentiva a continuidade da proposta de medição de conflito nesta escola.

Em contrapartida é necessário avançar nas propostas iniciais do projeto e das seções de mediação de conflito realizadas nesta escola. Creio que o fortalecimento de programas de mediação e o aprimoramento da suas seções dependem de iniciativas como o apontamento de deficiências e/ou contradições do processo.

Um das questões observadas, ou melhor, não observadas, na estruturação do projeto de mediação de conflitos na E. E. Bolívar Tinôco Mineiro, é a falta de participação de alguns espaços institucionais relacionados a escola no programa de mediação de conflito da mesma, a saber, o Conselho, a Associações de Pais e Mestres, o Grêmio Estudantil, entre outros. Penso que o fortalecimento destes espaços no processo poderia contribuir para a legitimação da mediação de conflito enquanto prática cotidiana da escola.

Atualmente o Projeto Mediação de Conflitos, elaborado e ministrado pela Polícia Civil encontra-se praticamente estacionado, seja por diversos fatores, entre eles, precariedade atual de recursos financeiros por parte do Governo Estadual, onde não mais houve verba para a caminhada do projeto, juntamente com sua agenda de implantação, falta de interesse em continuidade por parte dos professores e mediadores, uma vez que não mais houve motivação para sua caminhada e aplicabilidade.

Levar o tema da violência para dentro da sala é um dos jeitos de tratar um problema tão grave e tão presente na educação brasileira (e do mundo). Tal prática ajuda a recuperar o desempenho discente, porque a questão da violência está intimamente relacionada ao fracasso escolar; contribui para o processo de pacificação da sociedade; além de tornar público algo tão cotidiano nas escolas.

Existem, contudo, vários caminhos a serem seguidos para se enfrentar, com determinação os desafios de superar os conflitos nas escolas. No entanto, todos esses caminhos exigem, dos atores envolvidos na problemática e da própria sociedade, atitudes de afinco e comprometimento.

Algumas ações, como as listadas a seguir, podem colaborar para a gestão dos conflitos nas escolas. Nestes termos é urgente a elaboração e o resgate de projetos que, de fato, tragam solução para o problema da violência nas escolas, solução que, neste trabalho passou pela modalidade de mediação de conflitos, modalidade que induz um sentido de responsabilização e civismo na comunidade escolar. É preciso, portanto, que alunos, pais, diretores, professores e o poder público estejam realmente envolvidos em ações de preservação do ambiente escolar enquanto espaço de construção da cidadania.

### **Algumas ações que podem colaborar para a gestão dos conflitos escolares**

- Resgatar o aluno enquanto sujeito do processo educativo,
- Cuidar do espaço físico e das condições materiais da escola,
- Incentivar as práticas participativas e de diálogo nas diferentes instâncias escolares – da sala de aula aos conselhos de escola -,
- Criar espaços de reflexão coletiva dos professores sobre a prática educativa e seus problemas concretos
- Intensificar as relações entre as famílias e a escola
- Propiciar um bom relacionamento interpessoal entre professores e alunos (A questão da segurança nas escolas passa muito mais pela figura do professor, de sua ação educativa do que pela atuação dos profissionais de segurança pública.),
- Estimular a participação dos alunos em diferentes órgãos e atividades da escola,
- Integrar a escola na dinâmica da comunidade.

Dar voz aos alunos, discutir com eles sobre suas próprias expectativas, desvendar os ingredientes ideológicos da tarefa educacional, desenvolver formas participativas de construção de normas são fatores que podem contribuir significativamente para a construção de um ser social capaz de falar, de respeitar e, logo, de possibilitar que conflitos, ao invés de atos violentos, tornem-se movimentos de desenvolvimento individual e coletivo. Nestes termos, para se enfrentar uma cultura de violência (no sentido da agressividade física e patrimonial) é necessário trabalhar por uma cultura e educação que enfatize os valores sociais e humanos, a ética e a solidariedade. É preciso que se faça na escola um trabalho de gestão dos conflitos (grifo meu). Para encerrar, vale perguntar se ainda há no encontro habitual da sala de aula responsabilidade por este mundo e esperança de um outro melhor?

Não suficiente, é necessário ainda outro comentário, contaminado de um desejo pessoal. “É possível considerar a hipótese de que, ao ganhar a agenda pública, o tema da violência em meio escolar não pode mais passar despercebido pelos formuladores das políticas, sobretudo no nível municipal e estadual” (GONÇALVES & SPÓSITO, 2002).

## REFERÊNCIAS

ABPP. **Associação Brasileira de Psicopedagogia**. Disponível em <http://www.abpp.com.br/artigos>. Acesso em ago./set. 2007

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Caderno Cedes, ano XIX, n. 47, dezembro/1998, p.7-19.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 176 p.

ALDENUCCI, Lidercy Prestes. **Mediação, um instrumento de melhoria do clima organizacional e qualidade de vida no trabalho**. Psico UTP *on line*. Curitiba, n. 02, jul. 2016. Disponível em [www.utp.br/psico.utp.online](http://www.utp.br/psico.utp.online).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CRISP. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Violência, medo e desempenho escolar**. Belo Horizonte: UFMG, 2000

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, jan./mar. 2007, vol.15, no.54, p.11-28. ISSN 0104-4036.

FUKUI, L. **Segurança nas escolas**. In: Zaluar, A. (org.) *Violência e educação*. São Paulo: Livro do Tatu/Cortez, 1992.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. ISSN 0100-1574. Cad. Pesq. Nº.115 São Paulo Mar. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br>.

GOOGLE. **Portal Google Earth**. Disponível em <http://www.googleearth.com>. Acesso em 05 de out. de 2016.

KIMURA, SHOKO; SCARLATO, FRANCISCO CAPUANO; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Geografia da escola e lugar: violência, tensão e conflito**. São Paulo: USP, 1998. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo.

LATERMAN, Ilana. **Violência e Incivildade na Escola: Nem vítimas, nem culpados**. Florianópolis: Obra jurídica Ltda., 2000, p. 17-42.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre Violência e Incivildade no Meio Escolar**. In. CAMACHO. Thimoteo (org). *Ensaio sobre Violência*. 2001

ORTEGA, Rosário; DEL REY, Rosário. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília: Unesco, 2002, p. 15-38. (Observatorio violencia escuelas) ISBN 8587853597

PBH. **Prefeitura de Belo Horizonte. About IGC**. <<http://www.pbh.gov.br>> (Acesso em 09 ago. 2007).

\_\_\_\_\_. **Prodabel**. <<http://www.pbh.gov.br>> (Acesso em 09 ago. 2016).

PERALVA, A. **Escola e violência nas periferias urbanas francesas**. Contemporaneidade e Educação. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação, Rio de Janeiro, ano II, n. 2, IEC, 1997.

O RIBEIRIN. Jornal. **Projeto Ribas** – Ribeiro de Abreu Social. Abril 2007 – Ano I, nº. 3.

\_\_\_\_\_. Jornal. **Projeto Ribas** – Ribeiro de Abreu Social. Março 2007 – Ano I, nº. 2.

\_\_\_\_\_. Jornal. **Projeto Ribas** – Ribeiro de Abreu Social. Agosto 2007 – Ano I, nº 5.

\_\_\_\_. Jornal. **Projeto Ribas** – Ribeiro de Abreu Social. Junho 2007 – Ano I, nº 4.

QUIRINO, Raquel. **Metodologia Científica**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública – Curso de Especialização de Auditoria em Sistemas de Saúde, 2005. 64 p.

SANTOS, José Vicente dos Santos. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. São Paulo: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). n. 1, vol. 27, Jan./Jun. 2001. Print. ISSN 1517-9702.

WHITAKER, D. C. A. **Violência, um retrato em branco e preto**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994. p. 27-36.

## LEITURAS COMPLEMENTARES

BATTAGLIA, Maria do Céu. **Mediação Escolar**: Uma metodologia de aprendizado em administração de conflito. Disponível em <http://jlbela.psc.br/MediaEscola.htm>. Acesso em 17 ago. 2016. p. 1-4.

MARTINS, Sérgio. **Urbanização e Violência**: Reflexões a partir do livro e do filme Cidade de Deus. Texto elaborado para a mesa-redonda Urbanização e violência: diálogo entre geografia, literatura e cinema, a propósito do filme e do livro Cidade de Deus organizada - Associação dos Geógrafos Brasileiros (Seção Belo Horizonte). Câmara Municipal de Belo Horizonte, 30 de novembro de 2012.

MINAS GERAIS, Polícia Civil/Academia de Polícia Civil de Minas Gerais. **Polícia Comunitária**. Belo Horizonte: ACADEPOL/PCMG, 2016

NASCIMENTO, Maria das Graças C. **Violência e escola**: o que pensam os (as) professores (as). *In* Revista Violência Urbana. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br,abr./2005>. Acesso em 29 de ago. de 2016.

ZALUAR, Alba. **O espaço público como ódio**. Folha de São Paulo. Caderno Mais! São Paulo, 29 de agosto de 2004.



## APÊNDICE 1

### Roteiro de Entrevista

#### EIXOS

1. Você já viveu alguma situação de violência nesta Escola, ou em seus arredores?
2. Onde acontecem com maior frequência fenômenos associados à violência?
3. A presença de gangues e o tráfico de drogas fazem parte da rotina do ambiente da escola?
4. Como é a presença da polícia no cotidiano da Escola?
5. Como acontece a manifestação da violência entre os alunos da escola?
6. Você já teve contato com arma de fogo?
7. Para você, o que ocorre em casas e no bairro tem repercussões sobre o cotidiano escolar?
8. O que acha do projeto de mediação de conflito?
9. Em que aspectos você pensa que o projeto de mediação de conflito é ineficaz?

## **ANEXO 1**

**Manual do Programa Mediar – Mediação de Conflitos**